

novo prédio mais bem adaptado às suas necessidades e por um mínimo de autonomia em sua gestão – uma luta cheia de derrotas, porém incansável –, foi eternizada por seu sucessor, o Dr. Ramiz Galvão, num alentado estudo biobibliográfico de 520 páginas, publicado nos *Anais da Biblioteca Nacional* (Vol. XII, 1884-85).

Dissemos há pouco que entre 1854 e 1870, justamente durante a gestão de frei Camillo, não tinham havido aquisições de grande vulto que aumentassem sensivelmente o acervo da Casa. Teria sido frei Camillo culpado por essa súbita parada na formação do acervo da Biblioteca Nacional? Não, afirma o seu biógrafo. É também falsa outra acusação, segundo a qual frei Camillo teria deixado de lado, talvez por desânimo, o seu múnus de administrador, aproveitando-se das facilidades oferecidas pela Biblioteca para se dedicar a um trabalho pessoal de historiador, paleólogo e pesquisador de textos clássicos. Sigamos, passo a passo, o depoimento do seu biógrafo, no capítulo VII desse estudo.

Os administradores da Biblioteca anteriores a frei Camillo, como já dissemos – frei Antônio de Arrábida, cônego Delgado, padre Goulart, cônego Barbosa e Dr. Moniz Barreto –, foram quase todos grandes compradores de livros e de outras peças importantes para o acervo – e não podemos diminuir os seus méritos neste particular –, mas, também, foram mestres em generalidades, muito mais políticos do que administradores. Ramiz Galvão é bastante severo: “pouco fizeram em verdade a bem da instituição, limitando-se as mais das vezes ao ordinário expediente, a mandar copiar alguns velhos catálogos ou a fazer novos índices incompletos, sumários e incorretíssimos” (p. 112). Um mês depois de ter tomado posse, frei Camillo já dirigia ao governo um longo ofício, datado de 7 de maio, em que destacava os principais problemas da Biblioteca e apontava soluções adequadas. Achamos interessante transcrever o resumo de Ramiz Galvão, não apenas por ser um retrato das deficiências e do triste estado em que a Biblioteca se encontrava, como também por revelar “o perfeito conhecimento profissional com que frei Camillo encetou a sua administração” (pp. 112-114).